CULTURA DO CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS: CONFLITO E SOFRIMENTO COMO ENTRETENIMENTO

Palavras-Chave: Internet, redes sociais e sociabilidade

Autores/as:

Max Y. De Bona de Oliveira , IFCH, UNICAMP

Prof.(ª) Dr.(ª) Marta Mourão Kanashiro (orientador(a)),LABJOR,UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este projeto de pesquisa, intitulado *Cultura do cancelamento nas redes sociais: conflito e sofrimento como entretenimento*, teve como objetivo mapear e destrinchar o uso do termo "cultura do cancelamento" e o fenômeno que ele representa, analisando seus deslocamentos de sentido na literatura academica e na prática nas plataformas Instagram, YouTube e TikTok. Parto da hipótese de haver uma normalização do conflito e do sofrimento como formas de punição e engajamento, com base nisso buscou-se compreender como essas dinâmicas são mobilizadas enquanto entretenimento, estratégias políticas ou formas de resistência. A pesquisa envolveu reuniões semanais de orientação e participação nas disciplinas HZ780 (2024), HZ701 (2025), JC016 e HZ059, além do acompanhamento das atividades do grupo ICTS (Informação, Comunicação, Tecnologia e Sociedade). Como desdobramentos previstos estão a submissão de artigo, continuidade da monografia, intercâmbio na LMSU (Rússia) no segundo semestre de 2025 e posterior elaboração de projeto de mestrado no Labjor.

O resumo a seguir apresenta, de forma breve, os principais tópicos abordados na pesquisa, além desta introdução e das considerações finais. O levantamento de campo completo está disponível em um anexo em forma de link para uma pasta no google drive [1]com postagens que reunimos e organizamos. Vale destacar que esta iniciação científica integra o projeto mais amplo "Tecnologias de informação e extração de dados entre processos de subjetivação e resistências", que inclui outras pesquisas em andamento, tanto em nível de iniciação científica quanto de mestrado na Unicamp.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO:

1.a.) levantamento bibliográfico teórico-metodológico relacionado ao objeto da pesquisa: A fim de construir um panorama de estudos, interpretações similares ao objeto estudado nessa iniciação

1A seguir adiciono o link para a pasta onde será reunido o levantamento: https://drive.google.com/drive/folders/1UrA2xlZv0ZEDKF7Fhr3gFkTRgKbAJLLi?usp=sharing

foram lidos e fichados cerca de 20 artigos, teses e dissertações[2]abordando os temas mais próximos do trabalho de campo e dos objetos específicos da pesquisa. Em que são descritos, analisados e pensados a cultura do cancelamento,violência e punição digital a partir de distintas áreas de formação: direito, comunicação e psicologia; haviam também trabalhos localizados nas ciências sociais mas estes não mantinham um padrão ou aparição suficiente para configurar um eixo de estudo do tema. Associado aos artigos foi analisado também o livro A impostora de R.F. Kuang, que apresenta a partir da literatura o fenômeno da cultura do cancelamento na prática.

1.b.) levantamento bibliográfico relativo à metodologia de pesquisa:

Neste período, também foi aprofundado o direcionamento metodológico da pesquisa, com a realização da primeira parte do levantamento de campo nas redes sociais. A cartografia social foi adotada como ferramenta essencial para investigar as dinâmicas do cancelamento nas redes, diferindo da cartografia geográfica tradicional ao se concentrar em relações, movimentos e resistências. No contexto digital, ela atua como antídoto aos dispositivos, permitindo a construção de mapas dinâmicos e interpretativos que revelam interações entre usuários e plataformas. Seu foco na conexão, heterogeneidade e multiplicidade possibilita identificar momentos de transformação, compondo uma análise mais ampla e sensível ao fenômeno estudado.

Outro recurso teórico-metodológico importante é o conceito de dispositivo, a partir de Michel Foucault. Aqui, o dispositivo é compreendido como um conjunto de práticas, discursos e mecanismos que modulam corpos e condutas. Sua aplicação permite observar o entrelaçamento entre o discurso sobre "cultura do cancelamento" e o funcionamento efetivo do fenômeno, desarticulando saberes normativos e interpretações do senso comum. Nesse sentido, tanto o dispositivo quanto a cartografia são empregados não como métodos rígidos, mas como operadores que tensionam e expandem os próprios limites da pesquisa.

Por fim, é necessário destacar o caráter exploratório deste trabalho, que não se limita à análise do cancelamento, mas se constitui como um exercício de atravessamento disciplinar. Inspirado por *Dysphoria Mundi*, de Paul B. Preciado (2023), e pela crítica às disciplinas modernas, o projeto propõe uma postura antidisciplinar, entendendo a arte, a filosofia e o ativismo como práticas capazes de elaborar dores epistêmicas. A leitura conjunta de autores como Paul Preciado(2023), Jacques Rancière (*A Partilha do Sensível*)(2005) e McKenzie Wark (2022) permitiu expandir o uso da cartografia social para além do levantamento empírico, reconhecendo na literatura, na arte e em outras formas expressivas fontes legítimas e imprescindíveis de produção de conhecimento. Assim, o trabalho de campo se alarga, e a própria metodologia se transforma, abrindo espaço para a literatura como meio de investigação e de ampliação da experiência acadêmica.

DESENVOLVIMENTO:

A partir de um levantamento bibliográfico pautado no delineamento do debate acerca da cultura do cancelamento, foram reunidas referências, artigos, teses e dissertações, com perspectivas analíticas relevantes para esta pesquisa de iniciação científica. Utilizaram-se as plataformas Google Scholar e SciELO, além de

2Estes artigos, teses e dissertações utilizados para compor a seguinte pesquisa podem ser acessados a partir das referências desde relatório;

recomendações da orientadora, como as obras *Dysphoria Mundi*, de Paul Preciado (2023), *A Partilha do Sensível*, de Jacques Rancière (2005), e *Rituais de Sofrimento*, de Silvia Viana (2013), que conectam esta investigação ao projeto mais amplo "Tecnologias de informação e extração de dados entre processos de subjetivação e resistências". Esse projeto também agrega trabalhos como "Cronicamente online: as tecnologias de informação e comunicação entre ubiquidade e permanência digital", de Bianca Cavichioli e Marta Kanashiro (2024), consolidando uma rede de pesquisas que compartilham preocupações teóricas e metodológicas semelhantes.

A análise do material bibliográfico revelou diferentes abordagens sobre o fenômeno, levando à organização das referências em dois conjuntos principais. O primeiro reúne estudos que entendem o cancelamento como consequência de motivações pessoais ou sociais, utilizando juízos de valor para classificá-lo ,geralmente de forma negativa, como prática punitiva e danosa. Apesar de reconhecerem aspectos estruturais das redes sociais, como a velocidade da informação, a lógica de viralização e a monetização do engajamento, essas abordagens tendem a uma leitura moralizante e unidirecional. Por outro lado, o segundo conjunto de textos,mais próximo da proposta desta pesquisa, considera o cancelamento como um fenômeno pluridimensional, cuja análise exige atenção aos fluxos discursivos, às disputas por visibilidade e aos modos de produção de sentido nas plataformas digitais.

A partir dessa segunda perspectiva, o cancelamento é compreendido como ferramenta discursiva no campo da formação da opinião pública, sendo operado por meio de disputas entre discursos hegemônicos e contrapúblicos. Nessa abordagem, não há espaço para classificações simplistas (positivo/negativo, justo/injusto), mas sim para a observação de seus efeitos e formas de funcionamento. Destaca-se, nesse ponto, a noção de ritualidade no cancelamento: nem todos os indivíduos acusados se tornam efetivamente cancelados. Categorias como "cancelado", "incancelável" e "revogado" revelam a instabilidade e seletividade do fenômeno, cujos desfechos variam conforme o contexto, a audiência e a capacidade de mobilização simbólica envolvida. O cancelamento, assim, pode funcionar tanto como mecanismo de resistência e denúncia quanto como reiteração de práticas punitivas e normativas nas redes.

Com base nesse entendimento mais complexo, propõe-se uma tipologia preliminar que distingue dois formatos de cancelamento recorrentes nas plataformas: o "cancelamentozão" e o "cancelamentozinho". O primeiro se refere a casos de grande visibilidade, com impacto profundo e duradouro, envolvendo figuras públicas como políticos, artistas ou empresários. Já o segundo abrange episódios mais cotidianos, geralmente envolvendo influenciadores ou celebridades, com efeitos mais brandos e efêmeros, como perda de seguidores ou contratos. Apesar das diferenças, ambos operam sob a mesma lógica de exposição acelerada, julgamento coletivo e substituição contínua de assuntos, evidenciando o modo como o cancelamento alimenta o ciclo de engajamento das redes sociais e é absorvido enquanto forma de entretenimento.

Esse funcionamento é exemplarmente retratado no romance *A Impostora*, de Rebecca F. Kuang(2024), que narra a história de June Hayward, escritora branca que, após a morte de sua amiga sino-americana Athena Liu, publica sob pseudônimo um manuscrito que não lhe pertence. As acusações de plágio e yellowface emergem a partir de uma thread no Twitter e se espalham rapidamente, ainda que sem provas. A protagonista, obcecada com a repercussão, acompanha em tempo real o crescimento da denúncia: "Preciso assistir à desgraça acontecer em tempo real" (Kuang, 2024). O caso fictício ilustra não só a velocidade e imprevisibilidade da dinâmica de

cancelamento, mas também o sofrimento psíquico que ela engendra — marcado por compulsão, ansiedade e dependência digital. A análise dessa narrativa, em diálogo com conceitos como *FoMO* (Fear of Missing Out) e "cronicamente online", de Cavichioli e Kanashiro (2024), permite compreender como a punição ultrapassa a perda de reputação e se inscreve como trauma bioquímico, vivenciado não apenas pela figura cancelada, mas também pela audiência engajada na exposição contínua do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender o funcionamento da cultura do cancelamento como fenômeno sociotécnico, discursivo e ritualístico, presente nas dinâmicas digitais contemporâneas. Longe de uma interpretação moralizante ou normativa, o estudo priorizou uma análise complexa do cancelamento enquanto prática que revela tanto disputas políticas quanto formas de sofrimento e espetáculo.

Por meio do uso da cartografia social e do conceito de dispositivo, foi possível traçar o cancelamento como um acontecimento situado, atravessado por redes de poder, algoritmos e dinâmicas coletivas de engajamento. A leitura de autores como Paul Preciado(2023), Jacques Rancière(2005), Silvia Viana(2013) e Mackenzie Wark(2022) permitiu deslocar o olhar para além das abordagens tradicionais, identificando no cancelamento uma produção de subjetividades, onde o sofrimento e o conflito são convertidos em formas de entretenimento e mobilização.

A análise do romance *A Impostora*, de R. F. Kuang(2024), foi fundamental para observar como a cultura do cancelamento pode ser representada narrativamente a partir de uma lógica de ansiedade, culpa, vício digital e construção de narrativas públicas de punição. O engajamento contínuo com o sofrimento alheio, impulsionado pelo medo da exclusão e pela adesão à lógica das plataformas, torna-se elemento-chave para entender por que e como se constrói uma arena pública virtual baseada na vigilância e na espetacularização.

Ao mesmo tempo em que o cancelamento pode operar como ferramenta de resistência e denúncia de discursos hegemônicos, ele também pode reproduzir dinâmicas punitivistas, morais e mercadológicas. As categorias de "cancelado", "revogado" e "incancelável" demonstram a complexidade das respostas sociais, revelando que o cancelamento é menos um fim do debate e mais um processo contínuo de disputas, reposicionamentos e tensionamentos públicos.

A pesquisa permanece, portanto, como um exercício de exploração aberto. Suas contribuições futuras devem se dar na continuidade da escrita da monografia, na submissão de artigos e no aprofundamento teórico-metodológico em novas frentes voltadas ao estudo da tecnologia, como o intercâmbio na LMSU em 2025. O estudo da cultura do cancelamento não deve cessar em seu fenômeno visível, mas seguir desvendando as estruturas invisíveis que o sustentam, os discursos que o moldam e os afetos que o impulsionam.

REFERÊNCIAS

A CULTURA DO CANCELAMENTO e suas facetas: justiça social, intransigências e disputas narrativas. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4110. Acesso em: 4 ago. 2025.

A MASSA DA CULTURA DO CANCELAMENTO: alguns apontamentos. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber14/paper/view/1723. Acesso em: 4 ago. 2025.

ALENCAR, Breno Rodrigo de Oliveira; RIBEIRO, Paulo Victor da Silva; ALVES, Wilma Beatriz da Cruz. Cancelados, revogados e incanceláveis: a cultura do cancelamento na imprensa e nas redes sociodigitais. *Revista Linguagem em Foco*, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 59–79, 2024.

BEZIO, Julia G. *Canceling vs. #Cancel Culture: an analysis on the surveillance and discipline of social media behavior through competing discourses of power*. Bachelor of Science. Northern Arizona University, Flagstaff, AZ, 2019, 2022.

EDITORA FUNILARIA. Entrevista com McKenzie Wark, autora de "O capital está morto". *Editora Funilaria*, 2022. Disponível em: https://www.editorafunilaria.com.br/post/entrevista-com-mckenzie-wark. Acesso em: 4 ago. 2025.

GABRIEL, Felipe; GARCIA, Ervaz; RIBEIRO, Marcio. Limites, perspectivas e próximos passos: contrapúblicos na cultura do cancelamento. [S.l.: s.n.], 2023.

GEUSENS, Femke; OUVREIN, Gaëlle; REMEN, Soetkin. #Cancelled: A qualitative content analysis of cancel culture in the YouTube beauty community. *The Social Science Journal*, [S.l.], p. 1–17, 2023.

HECKSHER, Ana Dantes. PP e cultura digital trash. [S.l.: s.n.], 2008.

HOFF, Tânia; HOLTZ, Ana Catarina; FRAGA, Lucas L. De la cancelación al dispositivo: discurso de odio en el contexto del consumo. [S.l.: s.n.], 2022.

KANASHIRO, Marta Mourão; CAVICHIOLI SCHUERMANN DE BARROS, Bianca. Cronicamente online: um jogo de forças entre permanência nas redes e ubiquidade das TICs. *Iluminuras*, v. 25, n. 69, p. 195–216, 2024. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/142830.

KUANG, R. F. *Impostora: Yellowface*. [S.l.]: Intrínseca, 2024.

OLIVEIRA, Magno Gomes de; OLIVEIRA, Sylvianne Fontenelle Santos de. A inteligência artificial nas relações de trabalho e seus reflexos na cultura do cancelamento. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região*, v. 42, n. 42, p. 201–219, 2023.

ORLANDINI, Maiara Garcia; CASSIANO, Fernanda Garcia. Central do cancelamento: potencialidades e esvaziamentos políticos discursivos da cultura do cancelamento. *Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, [S.l.], p. 1–16, 2022.

PAIXÃO, Sidnei; SANTOS, Dos; MUNHOZ, Daniella; et al. A cultura do cancelamento nas redes sociais: a nova forma de suplício. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: https://anpad.com.br/uploads/articles/117/approved/1713a23c14b5033adb074b5464fb6c66.pdf. Acesso em: 4 ago. 2025.

PATROCÍNIO, G. K. D. F.; SOUZA-LEÃO, A. L. M. D. Para uma epistemologia da cultura de cancelamento. *Comunicação & Sociedade*, [S.l.], v. 45, n. 3, p. 5–34, 2024.

PENACHIONI, Julia; GUISORDI, Patricia Cucio; PRADA, Thiago. A banalidade do mal na atualidade: as redes sociais online como espaços de guerra. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 9, n. 25, p. 76–96, 2016.

PESSOA, Luciano. Cibercultura, nós não estamos nem aí: esquizotopia, despolitização e padronização do imaginário em *Her* e *Fahrenheit 451*. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: https://abciber.org.br/anaiseletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/cibercultura_nos_nao_estamos_nem_ai__esquizotopia_despolitizacao_e_padronizacao_do_imaginario_em_her_e_fahrenheit_451_luciano_gutierres_pessoa.pdf.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RANCIÈRE, Jacques; COSTA NETTO, Mônica (Trad.). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

RECUERO, Raquel. *A rede é a mensagem: efeitos da difusão de informações nos sites de rede social*. [S.l.: s.n.], 2012. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf.

SELNER, Raquel; PERLA, Maria. Waldo e os palhaços: política, entretenimento e violência em Mia Couto e Black Mirror. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 3, p. 123–136, 2019.

SIQUEIRA, D. P.; VIEIRA, A. E. S. F. Algoritmos preditivos, bolhas sociais e câmaras de eco virtuais na cultura do cancelamento e os riscos aos direitos de personalidade e à liberdade humana. *Revista Opinião Jurídica*, Fortaleza, v. 20, n. 35, p. 162, 2022.

VIANA, Silvia. *Rituais de sofrimento*. São Paulo: Boitempo, 2013.

ANEXO, levantamento se postagens nas redes sociais:
https://drive.google.com/drive/folders/1UrA2xlZv0ZEDKF7Fhr3gFkTRgKbAJLLi?usp=sharing